



Vermelho-sangue

Alison Silveira Morais¹

A imagem-homem, a imagem-mulher, o Deus-menino
Gente-maquinas se cruzando em frente ao quarto-marquise
No abandono do pequeno-matutino
A flor-criança natimorta, eclipse-crise
Do buraco-céu chove rio-mar
A fumacinha-menina do asfalto, o zigue-zaguear
O molhado sofrido de mar-morrente e não de mar-amar
Cai a borboleta-menina, com as gotas de um sangue-sangrar

¹ Escritor, tradutor e ilustrador, é bolsista CAPES e discente no Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: alison-s-morais@hotmail.com

O amor comporta tanto gozo-dor?
Haveria um tempo outro amortecido no coração do tempo?
A pobre menina figurinha-flor, se existia o amor
Era agora só lamento-pranto sentimento

Já não era mais abrigo-coração
Esburacada vida de entrar-entrando
A terra vai explodir no mundo-canal de televisão.
Enquanto balas cortam e recortam o corpo da noite. Mais um corpo tombando

Sem dedo-gatilho e sem sangrar
Esse sem, de sem corpo-história e sem vida-estrada
Ía-indo sem batismo e aleluiar
E essa lágrima-dor? Lágrima-água? Tá pancada?

Frase-chave! Era proibido o sofrer
Beija-beija despedida, chuva forte, forte água
Cabeça-sonho de mar-amar e não de mar-morrer
Despedida, útero-alma

Do profundo-fundo a boneca-mãe acolhe com o dedo-desejo
Um buraco-saudade, a vida vale?
Num coragem-desespero
O amor é terremoto? Cabe no corpo? A vida vale? Me fale!

A felicidade lhe era servida em conta-gotas.
A vida costurada com fios de ferro

É preciso, entretanto, movimentar a vida até à morte.

Mar-amar, mar-morte, mar-morrer, onde a enterro?

Ave-mãe de barriga-lua era forte.

E afinal, a desgraça vaza dos poros da terra.

Pra flor-criança natimorta, era azar-sorte.